

PROJETO DE RESOLUÇÃO Nº 2.218/2013

Concede o Título de Cidadão Benemérito da Liberdade e da Justiça Social - João Mangabeira, post mortem a Deoscóredes Maximiliano dos Santos - Mestre Didi.

A ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA

RESOLVE:

Art. 1º - Fica concedido o Título de Cidadão Benemérito da Liberdade e da Justiça Social - João Mangabeira, post mortem, a Deoscóredes Maximiliano dos Santos - Mestre Didi.

Art. 2º - O título será entregue em Sessão Especial da Assembleia Legislativa, em data a ser estabelecida pela Mesa Diretora.

Art. 3º - Esta Resolução entre em vigor na data da sua publicação.

Sala das Sessões, 8 de outubro de 2013

Deputado João Carlos Bacelar

JUSTIFICATIVA

Deoscóredes Maximiliano dos Santos, natural de Salvador, nascido em 2 de dezembro de 1917, um misto de sacerdote, artista plástico e escritor afro-brasileiro, conhecido carinhosamente como Mestre Didi.

Mestre Didi, filho natural de Maria Bibiana do Espírito Santo e Arsênio dos Santos. O pai pertencia à elite dos alfaiates da Bahia que, mais tarde, iria transferir-se para o Rio de Janeiro na época em que houve uma grande migração de baianos para a então capital do Brasil.

Sua mãe Maria Bibiana do Espírito Santo, mais conhecida como Mãe Senhora, era descendente da tradicional família Asipa, originária de Oyo e Ketu, importantes cidades do império Yoruba. Sua trisavó, Sra. Marcelina da Silva, Oba Tossi, foi uma das fundadoras da primeira casa de tradição nagô de candomblé na Bahia, o Ilê Ase Aira Intile, depois Ilê Iya Nassô. A esposa Juana Elbein dos Santos é antropóloga e companheira em todas as suas viagens pelas Américas, pelos países da África e Europa. A filha Inaicyra Falcão dos Santos é cantora lírica, graduada em dança pela Universidade Federal da Bahia, professora doutora, pesquisadora das tradições africano-brasileiras, na educação e nas artes performáticas no Departamento de Artes Corporais da Unicamp.

Eugenia Anna dos Santos - Mãe Aninha, tratada por Didi como avó, foi quem o iniciou no culto aos Orixás e lhe deu o título de Assogba, Supremo Sacerdote do Culto de Obaluaiyê.

Arsênio Ferreira dos Santos era sobrinho de Marco Theodoro Pimentel, o Alapini, primeiro orientador de Mestre Didi no Culto aos Egunguns, os ancestrais masculinos, tradição originária de Oyo, capital do império Yoruba.

Depois de Marcos, foi Arsênio, conhecido por Paizinho quem deu continuidade a iniciação de Didi, que se confirmou Ojé com o título de Korikowe Olokotun. A herança de tio Marcos Alapini se constitui, sobretudo pelo culto ao orori Egun, baba Olukotun, o mais antigo ancestral que foi trazido da África na ocasião da viagem que fez com seu pai, Marcos, O Velho. Paizinho, então Alagbá, o mais antigo da tradição aos Egungun

recebeu esta herança que aproximou à do terreiro Ilê Agboulá na Ilha de Itaparica.

A herança de Marcos Alapini, para seu sobrinho Arsênio Alagba passou para Didi, Ojé Korikowe Olukotun. Mais tarde Didi recebeu o título de Alapini, o mais alto do Culto aos Egunguns, no Ilê Agboulá.

Em setembro de 1970, não tendo no Brasil quem pudesse fazer sua confirmação de Balé Xangô, foi para Oyo e realiza a obrigação na cidade originária do culto à Xangô. A cerimônia foi realizada pelo Balé Sàngó e o Otun Balé do reino de Xangô de Oyo.

Em 1980, fundou o Ilê Asipa onde é cultuado o Baba Olukotun e demais Eguns desta tradições secular.

Mestre Didi, um sacerdote-artista, que soube expressar através da criação estética, uma arraigada intimidade com o universo existencial, onde a ancestralidade e visão de mundo africano se fundiram à sua experiência de vida baiana. Influenciado pela sabedoria dos mais antigos, desde tenra idade compreendeu a intrínseca relação de manipular matérias e formas, objetos e emblemas que representam entidades sagradas. Um homem voltado para o sagrado que transformou o barro e a palha com miçangas coloridas em seres vivos que falam da eterna e milenar cultura de um povo.

Completamente integrado ao universo nagô de origem yorubana, Mestre Didi revelou em suas obras uma inspiração mítica, material. A linguagem nagô surgia como discurso sobre a experiência do sagrado, que se manifestava por meio de uma simbologia formal de caráter estético.

"Os Orixá do Panteão da Terra são os que nos alimentam e nos ajudam a manter a vida. Os meus trabalhos estão inspirados na natureza, na Mãe Terra-Lama, representada pela Orixá Nanã, patrona da agricultura", assim o Mestre Didi definia suas obras.

As criações estéticas do Mestre Didi, o sacerdote-artista, já foram apreciadas por milhares de pessoas através de exposições no Brasil, Argentina, Estados Unidos, Nigéria, Ghana, Dakar, Alemanha, França, Inglaterra e Itália. O escritor Mestre Didi era dono de uma pena forte, sendo autor de diversas obras literárias das quais podemos elencar: Yorubá tal Qual se Fala, Tipografia Moderna, Bahia, 1950; Contos Negros da Bahia, (Brasil) Edições GRD, Rio de Janeiro, 1961; História de Um Terreiro Nagô, 1ª. edição, Instituto Brasileiro de Estudos Afro-Asiáticos, 1962, 2.edição, Editora Max Limonad, 1988; Contos de Nagô, Edições GRD, Rio de Janeiro, 1963; Porque Oxalá usa Ekodidé, Ed. Cavaleiro da Lua, 1966; Contos Crioulos da Bahia, Ed. Vozes, Petrópolis, 1976; Contos de Mestre Didi, Ed. Codecri, Rio de Janeiro, 1981; Xangô, el guerrero conquistador y otros cuentos de Bahia, SD. Ediciones Silva Diaz, Buenos Aires, Argentina, 1987; Contes noirs de Bahia, tradução francesa de Lyne Stone, Ed. Karthale, 1987; História da Criação do Mundo, Olinda, PE, 1988 - Ilustração Adão Pinheiro; Ancestralidade Africana no Brasil, Mestre Didi; Ancestralidade Africana no Brasil; Pluralidade Cultural e Educação; Nossos Ancestrais e o Terreiro e Democracia e Diversidade Humana. Seus livros exaltam a cultura afro-brasileira, alguns com ilustrações de Carybé.

Mestre Didi foi um ativista que atuou como fundador do Afoxé da Troça Carnavalesca Pai Burukô Folia, em 1932; co-fundador da Mini Comunidade Oba Biyi, em 1976; realizou a consolidação jurídica do Terreiro Ilê Agboula, 1960; foi fundador do Terreiro Ilê Asipa, em 1980.

Na perspectiva de preservar os valores, as tradições, a visão de mundo histórico e a identidade dos afro-brasileiros, Mestre Didi incentivou e participou da criação do Setor Afro-Brasileiro do Museu de Arte Popular da Fundação de Arte Moderna de Salvador, em 1965; foi co-fundador da SECNEB - Sociedade de Estudos da Cultura Negra no Brasil, em 1974; foi Conselheiro Superior e Coordenador de Assunto Comunitários da SECNEB, em 1974; fundador do Instituto Nacional da Tradição e Cultura Afro-Brasileira - INTECAB; Vice-coordenador do II Encontro Nacional da Tradição e Cultura Afro-Brasileira, em 1987; vice-coordenador do III Encontro Nacional da Tradição e Cultura Afro-Brasileira, em 1988.

Na área cultural, Mestre Didi participou da elaboração e coordenação de diversas ações. Foi membro do Colloque de Cotonou, Les Religions Africaines Presence Africaine, Cotonu, em 1970; participou do Caribbean Expressions Festival, em 1980; membro do Steering Committee International da Conferência Mundial da Tradição dos Orixás e da Cultura, em Ifé, na Nigéria, em 1981; membro de Conselho Consultivo do III Congresso da Cultura Negras das Américas, em São Paulo, em 1982; coordenador Geral da II Conferência Mundial da Tradição dos Orixás e da Cultura, realizado em Salvador, em 1983; coordenador geral da III Conferência Mundial da Tradição dos Orixás e da Cultura, em Nova Iorque, em 1986; membro do Conselho Nacional do Centenário da Abolição do Ministério da Cultura, em Brasília, em 1987; coordenador do Seminário preparatório para o IV COMTOC, em Salvador, em 1992; membro do grupo da I Reunião Processual preparatória para o Fórum Mundial de Diversidades Culturais no Século XXI.

Certamente, Deoscóredes Maximiliano dos Santos, brasileiro nato, sacerdote, escultor, escritor, presidente da Sociedade Cultural e Religiosa Ilê Asipá e Coordenador do Conselho Religioso do Instituto Nacional da Tradição e Cultura Afro-Brasileira, teve sua vida dedicada à preservação da cultura afro no nosso estado; uma liderança religiosa que sempre lutou pela preservação das religiões de matriz africana, numa clara demonstração de dedicação às causas nobre, humanas e sociais.

Outorgar-lhe o Título de Cidadão Benemérito da Liberdade e da Justiça Social - João Mangabeira é reconhecer a sua efetiva contribuição para o desenvolvimento político, social e econômico do Estado da Bahia.